

“É uma rampinha dos carrinhos!”

Coisas que as crianças nos ensinam!

Enquanto professoras das crianças¹ do GT4B – que têm de três anos e meio a quatro anos de idade – gostaríamos de poder compartilhar um momento rico e desafiador - que foi a idéia, o surgimento e a construção de uma “rampinha” para os carrinhos.

Logo no início do ano, a partir de um “olhar” mais inquieto, pudemos perceber que as crianças, especialmente os meninos – *Igor, Cláudio Lawan, Marcos Vinícius, Jhonattan, Pablo e Gabriel*

– demonstravam muito interesse em brincar com os carrinhos. Na sala, existiam em maior número os carrinhos de tamanho grande, no entanto, a preferência mesmo, girava em torno dos carrinhos pequenos. Momento, portanto, de



ir em busca desses objetos, inicialmente pedindo emprestado em outras salas, mas posteriormente, reivindicando a compra dos mesmos junto à coordenação do CEI.

¹ Zaira, seria importante esclarecer aqui que vocês tem autorização das famílias para utilização de registros escritos e fotográficos.

Já de posse dos “nossos” carrinhos, muita euforia, algumas disputas, negociações. Agora não eram apenas os meninos, algumas meninas como a *Ana Carolina, Shayra,*



Heloísa, Jennifer e Francieli, também quiseram e puderam brincar com os mesmos. Eram assim 11 crianças a querer e a disputar carrinhos. Resultado: nos momentos de interrupção da brincadeira, era um tal de esconder os carrinhos de preferência de cada um(a), para posteriormente poderem tê-los novamente. De início, tudo normal, pareceu-nos. Porém, em aproximadamente uma semana e meia, os carrinhos mais cobiçados haviam sumido! E ninguém “sabia explicar” o tal sumiço... Nem as crianças, nem nós, as professoras “tão atentas”.

Nesse momento entendemos necessário conversar com as crianças a respeito do que estava acontecendo. Perguntamos, procuramos e nada. Até que, de repente, três dos meninos nos falaram: - *“Eu sei... tem um carrinho alá, atrás da istante!”... “Um carrinho tá na bolsinha da*



casinha!”... “Tem uns carrinho enterrado alá, perto da graminha!”

Ao averiguarmos e constatarmos tais fatos, alguns carrinhos foram encontrados, porém outros não. Conversamos então, com as crianças sobre as conseqüências dos carrinhos sumirem. Ou seja, sem carrinho, sem a brincadeira de preferência!

Como solução, além da compra de novos carrinhos, sugerimos às crianças a possibilidade de construção de uma espécie de garagem – feita com uma caixa de sapatos, papietada com jornal, dividida em três partes, como se fossem três andares. Um lugar para guardar os pequenos carrinhos sempre que não brincassem com os mesmos. Foi uma interessante possibilidade, pois a partir daquele dia, as crianças definitivamente passaram a guardá-los. Na verdade, acreditamos que, muito mais que uma simples peripécia, o que esses meninos fizeram, foi nos indicar que numa caixa qualquer os carrinhos não estavam realmente guardados e sim amontoados!



A partir daí, começamos a perceber o quanto esses meninos e meninas nos indicavam – a todo momento – outras possibilidades de brincadeira com carrinhos. Uma das indicações, por exemplo: jogavam em direção a parede os

carrinhos, esses lá batiam e voltavam. Procedimento que inicialmente ao nosso "olhar adulto" e algumas vezes prepotente poderia ser considerado apenas como forma inapropriada de brincar, uma transgressão. Mas a partir do exercício de indagação, tal procedimento passou a ter legitimidade. Ou seja, procuramos



perguntar o porquê de brincarem daquela forma, pois inclusive alguns carrinhos estavam quebrando. Como resposta, praticamente imediata, Jhonattan e C. Lawan nos disseram: _ *“Essa? É uma rampinha dos carrinhos!”*. Já em outra situação, alguns meninos tiraram um dos sofás da casinha e viraram-no de cabeça para baixo, indicando também outras possibilidades de uso para aquele objeto. De novo perguntamos a eles, e a mesma resposta: _ *“É uma rampinha pros carrinhos!”*. De início tentamos ajudá-los mesmo que de improviso, deixando-os utilizarem o sofá, unindo ao mesmo um pedaço de papelão, aumentando assim a extensão da tal “rampinha” (com o combinado de que não estragassem o sofá).

Para o momento, tudo certo, mas e depois? Então para nós professoras, esse momento exigiu nova reflexão: como poderíamos ampliar tal possibilidade?

“Pensar os espaços da creche a partir do que as crianças nos indicam revoluciona, mexe, remexe, vira do avesso, desafia-nos em nossa adulez controladora, normalizadora, impositora; mas aquela criança que todos fomos mora em nossos corpos, com marcas e cicatrizes, em nossas lembranças, com emoções, visões, cheiros, sons que insistentemente nos convidam a deixar-nos seduzir, embriagar pela magia da fluidez e da autenticidade infantil. (AGOSTINHO, 2003, p. 88)

Pensamos... pensamos muito, até darmos início ao projeto de construção de uma “pista para os carrinhos”. Queríamos que esta pudesse ser durável e que estivesse ao alcance das crianças, sempre que desejassem. Lançamos então a sugestão de construção. Foi um longo processo, mas todo desenvolvido junto às crianças, que, com suas ilustres idéias foram dando dicas de como poderia ser a tal “pista”. Idéias por sinal magníficas: _ *“Tem que ter umas curvas!”*... *“Morrinho pra fazê de rampa né?”*... *“Tem que ter umas águinhas!”*... *“Pode tê graminha pros boneco podê joga futebol!”*... *“E o posto de gasolina pros carrinhos!”*



Muita conversa, muitas idéias! Fomos anotando tudo, organizando e tentando concretizar o audacioso projeto da tão esperada “rampinha”.

Todas as sugestões foram

consideradas. No entanto, combinamos que o posto de gasolina seria feito posteriormente, como foi feita a caixa-garagem.

Chegou então o momento de pôr as idéias em prática: um tabuleiro de madeira compensada de 1m x 1,5m formou a base. Sobre ela fomos projetando – para os morros: jornais amassados e fita adesiva; para a estrada: pedaços de papel cartão, já no formato desejado e nas laterais novamente papel cartão dobrado, formando a mureta de sustentação; para deixar resistente: pinceladas de cola e grandes polvilhadas de serragem fina; por fim tinta e verniz.

Durante a construção, passamos a perceber que meninos e meninas divertiam-se brincando, mesmo na pista inacabada. É interessante ressaltar também que, mesmo com toda a empolgação e envolvimento, depois de pronta a



rampinha, as crianças ficaram alguns dias sem procurá-la. Chegamos a, momentaneamente, ficar decepcionadas! Então entre a decepção e frustração adulta, surgiu nosso novo questionamento: o que é mais importante? É o processo ou o produto final? As crianças estavam ajudando ou estavam brincando? Ou será que estavam brincando e ajudando ao mesmo tempo? Acreditamos que a última alternativa seja a verdadeira, uma vez que acompanharam todo o processo, desde a idéia até a materialização da obra. E por

último, prá quem realmente era importante elas ficarem brincando direto? Não seria apenas para que, enquanto professoras, nos sentíssemos realmente úteis e necessárias? Então, após nossos questionamentos, a nossa decepção começa a desaparecer, dando lugar a novas possibilidades. Passamos a observá-las em outras circunstâncias, até porque, a sala destas crianças estava se transformando constantemente, e com isso os grupos e os repertórios de brincadeiras estavam bastante heterogêneos.



E, portanto, em relação ao processo vivido com o grupo de crianças do GT4B, ousamos dizer que o projeto, desde a idealização, construção, brincadeiras momentâneas e/ou posteriores, possibilitaram a essas crianças, a vivência de novas situações de faz-de-conta, de ampliação de repertórios e conseqüentemente a possibilidade de composição de novos enredos de brincadeira. E a nós professoras do grupo, a possibilidade de enxergar um pouquinho além. De olharmos realmente para o quê faziam. Despindo-nos um tantinho mais de nossas verdades, de nossas certezas.

Após uma semana, mais ou menos, alguns meninos, reiniciaram a busca pela pista.

Dentre as inúmeras brincadeiras:



O lago dos peixes e tubarões...



Uma rampinha...



A pista de corrida...



O parque dos dinossauros...

No entanto, vale ressaltar ainda, que isto só foi possível devido a nossa mudança de atitude, a nossa mudança de “olhar”. Um olhar, cujo foco principal passou a ser realmente a “criança real, concreta” e singular. Um olhar que tentou se despir dos antigos vícios de adulto utilitarista e muitas vezes prepotente e que, portanto passou a procurar entender o porquê das crianças estarem

agindo desta ou daquela maneira. Questionando-as e ouvindo-as ao invés de criticá-las e/ou repreendê-las, procurando com isso, não sermos permissivas em demasia, mas dar legitimidade e suporte a suas possíveis ações/brincadeiras. Tendo, porém consciência de que ainda temos muito a aprender sobre e com as crianças.

Dentre as mudanças, em relação ao nosso modo de ver e ouvir as crianças, uma das questões que nos possibilitou ver e enxergar, ouvir e escutar, foi também a mudança de foco na prática do registro. Passamos a fazer um registro compartilhado, pelo menos, entre nós, as professoras do grupo. Nele tentamos captar um pouquinho, pelo menos, desse jeito de viver, de brincar e de se relacionar que as crianças apresentavam. Com isso, o registro nos serviu como instrumento de reflexão/questionamento e possibilidade de planejamento e legitimidade ao que essas crianças procuravam nos mostrar, nos dizer.

“A prática do registro das experiências, prática de registro-documentação feita diariamente, permite ‘voltar’ sobre o que foi feito, partilhar com os outros o próprio trabalho e, também, devolver às crianças, de forma mais qualitativa, os resultados das experiências delas” (GALLARDINI, 1996)



Possibilidade de transportar para outros espaços....



Poder brincar com crianças de outras faixas de idade, com os pais...
(imagem da festa da família)

Acreditamos que as crianças pequenas, quando encontram espaços apropriados para viverem intensamente seus momentos de encontro, de brincadeira, de liberdade, de movimento, de alegria, de mistério, de descoberta, de aventura, de imaginação e de fantasia, nos indicam através das suas diversas formas de expressão que o mundo pode ser diferente do que é. Aliás, elas nos

dizem que todas as coisas do mundo podem ser outras coisas. E a quem quiser saber como se faz, é só prestar mais atenção nelas!

Trabalho realizado por:

Zaira T. Wagner

e Silvana Vieira Machado

Grupo de trabalho – GT4 – crianças entre
3,5 a 4 anos - 2006

C.E.I Nsa. Sra de Lurdes – Agronômica
(Rede Pública Estadual/municipalizada)

Texto elaborado por: Zaira e Silvana

Editado por: Ztwagner@gmail.com